

crónica

12/2/82

# Zicale: esquecer provocando

por António Souto

«Agradeço que me façam lembrar» — disse em jeito de recusa, o ANP Marcos Zicale, pela terceira vez, quando, durante a reunião de ontem com os comprometidos, o Presidente da República Popular de Moçambique, Marechal Samora Machel, recordava algumas passagens da trajectória de traição daquele cidadão, apelando assim para que ele falasse com franqueza dos seus compromissos. De modo cada vez mais arrogante e insultuoso, Marcos Zicale afirmava que não se recordava. O Chefe do Estado acabou por dar ordens para o deterem imediatamente.

Por este comportamento, Marcos Zicale dispensa mais apresentações além da que ele próprio fez, quando em Maio de 1971, apresentava em Lourenço Marques uma mediocre tentativa literária sob a forma de conto (?) intitulada «o Muiana Manuna».

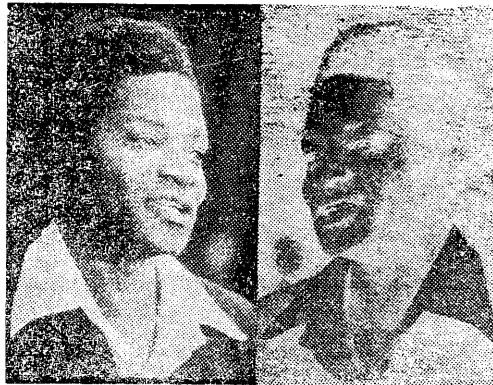
«Quando no dia 5 de Janeiro do ano de 1961, quinta-feira, às 8 horas, na Av. 31 de Janeiro, n.º 1065, em Lourenço Marques, fui admitido, como empregado, na União Nacional, hoje Acção Nacional Popular, confesso com toda a minha sinceridade que não sabia fazer o que, graças a Deus, posso hoje fazer: este documento é cem por cento comprovativo» — escrevia então Marcos, acrescentando:

«A verdade tangente é que encontrei nesta casa da doutrina da unidade de todos, nesse mesmo ano, pessoas de muito boa vontade, com espírito de colaboração... Mas devo dizer, sem quaisquer sombras de dúvida, que houve sempre boa compreensão e carinho, o que pode ainda querer dizer: houve sempre clima bastante agradável, clima esse cheio de recordações...».

E as recordações de Marcos no seio da comunidade «ANP» traduziram-se seguidamente em mais um bom naco de prosa: «Saúdo efusivamente, a Comissão cessante. Saúdo, efusivamente, a Comissão em actividade. Saúdo, efusivamente, os meus colegas de todos os dias...» E às efusivas saudações seguem-se saudações

ainda mais efusivas a personalidades de renome nos meios ultra-fascistas do sistema colonial em Moçambique.

Este é, pois, o Marcos Zicale de há 11 anos. Porém, é também e ainda o Marcos Zicale de hoje... Apercebemo-nos da actualidade



Zicale: renitência do compromisso nas faces da arrogância e da vaidade

desta biografia quando o ouvimos falar na reunião de ontem. As suas palavras lembraram-nos a crítica que no início da reunião o Chefe do Estado havia feito «à preocupação pelas palavras estereotipadas, ocas, sem conteúdo e que revelam incapacidade de analisar». Esta crítica referia-se às relações numa sociedade colonial e exortava a intervenções claras e honestas.

Ao chamá-lo para contar a sua história de compromisso, o Presidente Samora Machel definiu-o como «um peixe graúdo», «uma garoupa», entre os quadros negros da ANP.

Marcos dirigiu-se aos microfones, bamboleando-se, cruzou os braços e começou a falar. Porém não dizia nada, só falava, falava, falava... O Chefe do Estado interrompia-o, recordando-lhe um ou outro pormenor de relevo nos seus inúmeros compromissos. Zicale cocava a cabeça com ar presumido e, ou continuava a não dizer nada, mas falando sempre, ou pedia que o lizessem lembrar.

Após umas breves referências à sua infância, passou para a sua colaboração durante os anos 60 no jornal «Renovação», órgão ideológico da ANP, sobre a qual disse que ficou «entusiasmado» acrescentando de imediato, como se, entretanto, nada tivesse acontecido: «e então quando chegou a FRELIMO...».

O Presidente Samora Machel advertiu-o do «salto mortal» que estava a dar e apelou, uma vez mais, para que ele relatasse de facto os seus compromissos. Disse-lhe para ele falar do que fez na Associação dos Naturais e na Associação dos Negros...

Zicale recuou um pouco, mas sobre este pormenor do passado apenas disse que duma foi «sócio» e doutra «apenas ia às festas». Nada disse das palestras racistas sobre «antropologia e etnografia africanas» que o ultrafascista Aurélio Ferreira escrevia para ele ler aos moçambicanos negros.

Sobre o contacto que militantes da FRELIMO na clandestinidade, nomeadamente José Craveirinha e Malangatana Valente com ele fizeram para o dissuadir de tanto compromisso e asneira explicou

que por «certas dificuldades era difícil abandonar aquele trabalho...» Não disse como na verdade afirmara em 1963 que recusou peremptoriamente qualquer compromisso que não fosse «com a política actual», e que nem sequer abandonaria a sua actividade pública de propagação ao regime colonial-fascista.

Ao longo de toda a sua intervenção nenhuma palavra surgiu sobre a sua ida à Rodésia, as exposições de pintura por todo o Moçambique, custeadas pelo regime colonial e muitas outras andanças que passavam pelos «chás» no Governo-Geral, sempre que perante distintas visitas houvesse necessidade de colorir de negros a «alta-rodas» de acordo com as exigências de uma «sociedade multirracial».

A memória de Marcos Zicale estava decididamente longe daquela reunião como a sua mentalidade sempre esteve e está de Moçambique.

Quando de novo, e, pacientemente, o Presidente Samora Machel lhe voltou a perguntar sobre o que fizera nas colectividades onde fora infiltrado, a reacção de Marcos Zicale deixou os cerca de 1250 presentes no salão de festas da Escola Josina Machel completamente estupefactos.

De braços cruzados, inclinando-se ligeiramente para trás mirou arrogantemente a tribuna de honra. Os longos minutos que já fizera perder para ele nada continuavam a significar. O facto de ali estarem presentes quase todos os membros do «Bureau» Político do Partido Frelimo e da Comissão Permanente da AP, além de membros do Governo, facto este anteriormente sublinhado pelo Chefe do Estado como expressivo da importância do encontro, não teve para ele qualquer significado.

Virou-se de seguida para as centenas de comprometidos e convidados à reunião e, sempre com os braços cruzados, disse provocatoriamente: «agradeço que me façam lembrar».

O silêncio caiu pesadamente por alguns segundos na sala. No passado, há onze anos, Zicale tão ocamente como sempre o fez acrescentaria como então escreveu: «Um aceno de saudade e de amor para a minha amada terra do Maputo que, portuguesa e naturalmente engoliu o meu umbigo».

Aquela sessão moçambicana não quis, porém, engolir portuguesa e naturalmente a arrogância e vaidade de Zicale. E a tensão e silêncio apenas se desfizeram quando o Presidente da RPM o mandou deter imediatamente.